

workshop:	projeto do lugar: natureza e lentidão
coordenação:	pedro britto e thiago costa
tema:	tensão entre o projeto e a prática do lugar
objetivos:	ampliar o entendimento do lugar, atribuindo complexidade para a apreensão do espaço praticado e para os limites do projeto
local:	atelier 5 – FAUFBA - 2010
duração:	3 aulas
metodologia:	leitura prévia dos textos de apoio; exposição, discussão e conceituação da proposta e das definições apresentadas; dinâmica de relatos e construção de temas; elaboração de estratégias de aproximação e identificação dos lugares; trabalho de campo para verificação e descoberta dos espaços praticados; sistematização e representação dos levantamentos; formulação de relatos e exposição dos produtos; discussão final, conclusão e encerramento do workshop
programa:	<p>a) explicação e apresentação da proposta na meia hora final da última aula anterior ao início do workshop, numa rápida aproximação com os alunos para distribuir e incentivar a leitura dos textos de apoio e sugerir uma pesquisa própria sobre o tema "lugar";</p> <p>b) aula 1/primeira parte: exposição, discussão e debate sobre os conceitos dos textos de apoio; atividade de identificação e descrição de lugares da memória e dos espaços praticados na experiência individual; agregação de temas comuns e particulares; construção dos temas "natureza" e "lentidão";</p> <p>c) aula 1/segunda parte: identificação e tipificação de lugares a partir dos planos e projetos avaliados e da aproximação prévia com alagados; levantamento dos temas encontrados; discussão e planejamento de <i>táticas</i> de verificação das <i>estratégias</i> dos projetos avaliados; discussão e planejamento para a busca e identificação dos lugares de "natureza" e "lentidão";</p> <p>d) aula 2: trabalho de campo em alagados; coleta de informações e aplicação das estratégias elaboradas para identificação, descoberta e busca de lugares; confecção de mapas e cartografias dos lugares;</p> <p>e) aula 3: apresentação dos relatos e produtos construídos; discussão e aumento da complexidade de apreensão dos espaços praticados e projetados; encerramento.</p>

coletânea de textos:

LUGAR

densidade informacional e densidade comunicacional - consciência de mundo - a trama banal e elementar do espaço - intimidade de uma relação humana - uma arrumação que produz o singular - reunião e organização de vários aspectos - referencial indispensável à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais, mas, desoladamente, com perdas indizíveis - porção do espaço apropriável para a vida apropriada através do corpo - identidade

De forma geral, é uma porção do ESPAÇO qualquer ou um PONTO imaginário numa COORDENADA ESPACIAL percebida e definida pelo HOMEM através de seus SENTIDOS. É uma parte do espaço geográfico onde vivemos e interagimos com uma paisagem.

(<http://dicionario.babylon.com/LUGAR>)

- 01 - Qualquer espaço
- 02 - Espaço que pode ser ocupado por algo ou alguém
- 03 - Um espaço para sentar, pré definido
- 04 - Espaço definido como destinado a alguma coisa ou alguém.
- 05 - Posição numa classificação
- 06 - Emprego
- 07 - Indefinidas cidades, regiões ou países
- 08 - Ambiente
- 09 - Posição
- 10 - Causar, provocar
- 11 - Posto
- 12 - Espaço apropriado para alguma coisa
- 13 - Categoria em que faz parte, posição que ocupa ou representa
- 14 - Permitir ou negar emoções
- 15 - Certo ponto de um filme, de uma leitura ou narrativa
- 16 - Rumo, destino
- 17 - Vizinhança

(<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=lugar>)

Elogio da lentidão*

MILTON SANTOS

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história.

Sem dúvida, a maioria das pessoas, das empresas e das instituições não se utiliza das velocidades exponenciais tecnicamente possíveis e muitos continuam a sobreviver na lentidão, mas isso não impede que o ideário dominante, em todos os arcanos da vida social, sugira uma existência com ritmos cada vez mais acelerados. Paralelamente, aquela questão do "fixo tecnológico", fulcro de tantas discussões teóricas nos anos 60 e 70, retoma atualidade.

Dizia-se que a entrada de um país na linhagem das nações desenvolvidas dependia da aceitação de condições tecnológicas então consideradas modernas, sem as quais a presença atuante no plano internacional seria impossível. Mas havia, também, os que discutiam e recusavam essa premissa, afirmando que tecnologias intermediárias seriam capazes de dar conta, satisfatoriamente, do processo de crescimento de um determinado país. Era um tempo diferente do atual e no qual o debate civilizatório impedia o triunfo do pensamento único.

Fuga para frente Hoje, graças às novas realidades da presente globalização, aquela tese do technological fix se robusteceu e se impõe com muito mais força, já que a batalha encarniçada entre os agentes dominantes da economia os leva à busca desesperada de tecnologias up-to-date, por sua vez necessitadas de adaptação urgente - técnica ou organizacional- cada vez que uma nova conquista científica é obtida.

A necessidade, sempre presente, de competir por um mercado que é uma permanente fuga para a frente conduz a essa espécie de endeuamento da técnica, autorizando os agentes vitoriosos a manter sua posição de superioridade sobre os demais. Na medida em que as grandes empresas transnacionais ganharam dimensões planetárias, a tecnologia se tornou um credo generalizado, assim como a velocidade. Ambas passam a fazer parte do catecismo da nova fé.

Todos acabam aceitando como verdade essa premissa. Ser ultramoderno impõe-se como uma ilusão generalizada, e o tempo desejado é o tempo da nova técnica. Seu ideário se alimenta de uma construção ideologia elaborada de forma sistêmica, mas que é apenas diretamente funcional para um pequeno número de atores privilegiados. De fato, somente algumas pessoas, firmas e instituições são altamente velozes. O resto da humanidade, em todos os países, vive e produz de uma outra maneira.

Essa velocidade exacerbada, própria a uma minoria, não tem e nem busca sentido. Serve à competitividade desabrida, coisa que ninguém sabe para o que realmente serve, de um ponto de vista moral ou social. Fruto das necessidades empresariais de apenas um punhado de firmas, tal velocidade põe-se a serviço da política de tais empresas. E estas arrastam a política dos Estados e das instituições supranacionais. E aí se situa a matriz de um grave equívoco.

Porque, vista historicamente, a técnica não é um absoluto.

Aliás, em seu estado absoluto, a técnica jamais foi realizada. Todas as vezes em que deixa de ser um capítulo da ciência para transformar-se em história, ela se relativiza. Por isso, a velocidade hegemônica atual, do mesmo modo que aquelas que a precederam - e tudo o que vem com ela e que dela decorre- é apreciável, mas não imprescindível. Não é certo que haja um imperativo técnico, o imperativo é político. A velocidade utilizada é um dado da política, e não da técnica.

Daí a emergência possível de uma pergunta de ordem prática: será mesmo impossível limitar a velocidade dos mais velozes, isto é, dos mais fortes? Ou, em todo caso, poderíamos limitar essa força dos mais fortes?

No passado, a ordem mundial pôde, em diversos momentos da história, construir-se mediante a não-obeediência aos ditames da técnica mais moderna.

Os cem anos que se confundem com o século do imperialismo abrigaram grandes conjuntos políticos territoriais vivendo e convivendo segundo "idades" técnicas diversas, ou melhor, segundo combinações desiguais dos avanços técnicos possíveis. O Império Britânico estava à frente quanto à posse e ao uso das tecnologias então mais modernas, e os outros impérios vinham na rabeira, depois e depois. Mas isso não os impedia de conviver. O exercício da política permitia enfrentar os conflitos internos e sugerir, cada vez, novas formas de equilíbrio.

Aliás, de um ponto de vista internacional, o que se passa dentro de cada império parece se espelhar em relação ao que se verificava externamente. A política comercial aplicada no interior desses grandes conjuntos territoriais, fragmentados e espalhados em diversos continentes, é que acabava permitindo a possibilidade de sua harmonização, malgrado suas diferenças de poder, dentro do conjunto do mundo

ocidental⁽¹⁾. O notável é que o balanço desses cem anos que precedem a atual fase de globalização permite, apesar das guerras que os marcaram, reconhecer, junto aos inegáveis progressos técnicos e ganhos econômicos, a manifestação também de progressos políticos e éticos, com a ampliação da idéia de humanidade solidária e de sociedade nacional solidária, mediante a conquista e a busca de aperfeiçoamento de um estatuto político eficaz na construção de uma vida social civilizada, nos planos nacional e internacional.

Casa coletiva O progresso técnico não constituía obstáculo ao progresso moral, quando havia, paralelamente, progressos políticos. Assim, o problema fundamental é o de retomar o curso dessa história, recolocando o homem em seu lugar central no planeta. Uma das condições para alcançá-lo parece ser o reconhecimento da realidade dos territórios tal como sempre foram utilizados pela população como um todo.

São usos múltiplos marcados por diferentes velocidades e pela utilização de técnicas as mais diversas, maneira de deixar que o território nacional constitua uma verdadeira casa coletiva, um abrigo para todos, empresas, instituições e homens. Somente dessa forma, soluções de convivência plenas ou sequiosas de humanidade são possíveis.

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade - ou uma forma de regresso ao passado -, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz.

Numa situação em que se combinam técnicas e tempos e velocidades diferentes, sem que um deles obrigatoriamente arraste os demais, se impõem forçosamente soluções políticas que não passem obrigatoriamente pela economia e suas conhecidas paixões inferiores.

A velocidade não apenas se define a partir do tempo utilizado para superar as distâncias. A questão é a de encontrar, para a palavra velocidade, equivalentes na prática social e política.

Acreditamos que a noção de cidadania se possa prestar à discussão aqui proposta, desde que a consideremos em sua tríplice significação: cidadania social, econômica e política. Quanto mais se afirmam essas diversas vertentes da cidadania, maior é a garantia de que a "velocidade" pode ser limitada, ao mesmo tempo em que os benefícios da modernidade encontram a possibilidade de uma difusão democrática. Será dessa forma que, num primeiro momento, serão reforçadas as individualidades fortes, provocando a necessidade de uma informação veraz, criando limites à propaganda invasora e enganosa, tudo isso se dando paralelamente a uma renovação do papel do Estado nacional.

Será, também, por meio desse processo que o mercado interno será revigorado e os mercados comuns entre países serão horizontalizados, abrindo caminho para que o dinheiro regresse à sua condição histórica de equivalente universal e abandone a sua função atual de regedor exclusivo e despótico das relações econômicas. Pelas mesmas razões, aquilo a que chamamos de "informalidade da economia" melhor cumprirá suas funções econômica, social e política sem a necessidade de formalizações alienantes e fortalecendo o papel da cultura localmente constituída como um cimento social indispensável a que cada comunidade imponha sua própria identidade e faça valer, a um ritmo próprio, o seu sentido mais profundo.

Será um mundo no qual os que desejarem ter pressa poderão fazê-lo livremente e no qual os que não são apressados serão fortalecidos, de modo a poder pensar na reconstrução da paz mundial e na luta por uma convivência social digna e humana dentro de cada país.

(*) Publicado em 11/03/2001 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm>

(1) Milton Santos, "A Natureza do Espaço" (ed. Hucitec), págs. 36, 37 e 152, 153.

A idéia de lugar, consubstanciada no entendimento de Milton Santos (1994:36) é assim entendida: consiste da *extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário*, a partir de duas construções: a configuração territorial e norma, mesmo que efêmera. A estrutura é tão importante quanto a duração do fenômeno. Mas como são as pessoas e os lugares que se globalizam, o espaço se torna único. A globalização tenta impor uma única racionalidade ao mundo. Para este autor, a diferença entre lugar e região é hoje menos relevante do que antes, quando se trabalha uma concepção hierárquica e geométrica do espaço geográfico. Aí, a região pode ser considerada como um lugar, sempre que se verifique a regra da unidade, e da contigüidade do acontecer histórico. E os lugares - veja-se o exemplo das grandes cidades - também podem ser regiões, nas quais o tempo empirizado acede como condição de possibilidade e a entidade geográfica como condição de uma espacialização prática, que cria novos limites e solidariedades sem respeitar as anteriores... Os lugares se definem, pois, por sua densidade informacional e por sua densidade comunicacional cuja função os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram mas não se confundem. (Santos, 1996: 145).

Revela que mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar.

Hoje em dia, além da geografia, muitas disciplinas têm contribuído com aportes significativos no entendimento do espaço e do cotidiano. Destaco, entre outros, os papéis relevantes da psicologia ambiental, do desenho ambiental, da antropologia e da ecologia. Amos Rapoport (1978: 178 sqq) é um dos grandes divulgadores; do referencial humano na definição do lugar, ao chamar a atenção para o papel dos sentidos, no qual a visão é a dominante pela quantidade de informações que permite (distância, textura, luz, cor, forma, contrastes etc), mas sofre influências de cada cultura. Já a ambigüidade emotiva do olfato valoriza e dá identidade ao lugar, ainda que com significados sociais: cheiro de capim-gordura, de fábrica de biscoitos, de álcool combustível... Em cada volume da trilogia de Jorge Americano sobre São Paulo, este autor registra longas listas dos cheiros de sua cidade, inclusive na perspectiva temporal que os modifica. O som tem o papel de enfatizar o espaço, mas é transitório. O tato serve não só para perceber a textura, mas sobretudo o tipo de espaço que existe no solo, tão importante para os cegos. Além destes, Rapoport destaca a importância da cinestesia que permite as mudanças de posição e novas percepções.

André Frémont considera os lugares como a trama banal e elementar do espaço, onde é possível detectar funções que não são idênticas por toda parte. Para ele, a análise geográfica deveria contribuir para a decifração dos lugares (1980: 144). Yi-Fu Tuan, repete que a experiência do lugar depende da cinestesia, da visão e do tato, endossando Santo Agostinho, para quem o valor do lugar depende da intimidade de uma relação humana (1983: 156). Por esta mesma razão, Yves Lacoste lembra que o espaço vivido não é sinônimo de região. No Brasil, a televisão vem prendendo as pessoas em casa há décadas, Depois, violência e depreciação do espaço público remeteram a população aos *shoppings*, reconhecidos, à revelia de muitos teóricos, como o novo paradigma. Isto tudo considerado, até os subterrâneos podem ser considerados lugares.

Reconheço o lugar como uma arrumação que produz o singular, mas estimo que de modo algum se poderá entendê-lo ou trabalhá-lo sem a consideração da extensão de seus sistemas. Ele tem uma personalidade sim, mas não é sujeito.

Refletindo sobre a vida cotidiana e o olhar turista, vi-me na necessidade de intensificar a busca, com vistas a repensar o conceito, ampliando-o para o reconhecimento de outros valores. Sob a moda de tudo explicar pela globalização, alguns autores exageram dizendo que se um cidadão viaja e encontra os mesmos objetos que seu cotidiano, ele efetivamente não teria viajado... Se encontrarmos um

McDonald's em Pequim, ou a possibilidade de lá entrar na internet, não quer dizer, absolutamente, que não *saímos do lugar*: ele não é assim tão sumariamente eliminável, pelo menos na ótica do contexto mais denso. Em duas palavras, ao pensar nas definições correntes de lugar, achei-as insuficientes para entender o cotidiano e o turismo, mas sem ousar esquecê-las! Pareceu-me que deviam se entendidas como certos enunciados de Newton para a física, que continuam válidas para certos segmentos da realidade, mas não se aplicam ao infinitamente pequeno - que é minha escala de trabalho, no conjunto do espaço percebido.

Convenci-me de que esta seria uma ampliação importante de ser incluída nas práticas do planejamento, já que a desconsideração por outras dimensões do lugar, aniquilando, esterilizando a vida cotidiana e, por conseqüência, o sítio turístico. Exceto, os profissionais que lidam com o espaço, inúmeros ficcionistas têm deixado claro seu entender sobre o lugar, explorando-o como jamais se viu nos meios acadêmicos. Dada a presença multitudinária de autores, que escapa à catalogação, procurei explorar aspectos que me pareciam relevantes da expressão ocupar lugar - no seu duplo sentido... Diante da condição humana de busca da estabilidade, considerei os destaques do lugar, na ótica do mais duradouro, mas sem cercear as mudanças.

Primariamente estão os componentes fisiográficos, pois as variações de superfície criam séries de lugares no relevo (planície, planalto, montanha, variações de altitude etc.). Do mesmo modo, a água cria configurações específicas (mar, rio, lago, igarapé, cachoeira, ilha, península, fiorde, promontório etc.). O tipo de vegetação consagra a roupagem em várias extensões da terra. A estação do ano, dada pela posição em relação ao sol, cria diferenciações climáticas e de luz, sem falar de sua importância em vários aspectos da vida humana. Aliás, o grego Estrabão, em sua preciosa Geografia, já nos tempos de Jesus Cristo, afirmava que a natureza era permanente, enquanto os atributos nela inscritos sofrem mudanças. Por ser o primeiro a não usar o recorte geométrico no espaço, é considerado um marco no conhecimento da região, entendida em suas relações com o processo civilizatório. Entre as referências medianamente estáveis temos a arquitetura, o urbanismo, o sistema político, as instituições, o sotaque, o movimento e nicho dos animais, o caráter, os costumes, o relacionamento grupal, o calendário de festas, as crenças.... Já os bastante móveis comporiam o movimento de pessoas e objetos; os objetos móveis da cultura material; os tipos de trabalho e de lazer; os rituais cotidianos. Desses, não mais que um certo número são passíveis de tratamento pelo planejamento físico-territorial.

Como a seqüência do texto irá sugerir, quando vulgarmente se evoca um território com alguma coesão, em geral administrativa, está se falando de múltiplos lugares interligados. Uma cidade ou um município sempre conta com distintos lugares, como componentes de uma família maior. Do ponto de vista do cotidiano ou do interesse turístico, o objeto está tio tipo de amarração entre essas partes. Pode-se mesmo dizer que o lugar absoluto de um só tipo de acontecer não pode existir, na medida em que sabemos que ele depende do resto: não existe o todo sem as partes. o lugar corresponderia ao *holon*, magistralmente definido por Arthur Koestler - isto é, tem um grau de autonomia em relação ao conjunto mais amplo.

No entanto, não podemos negligenciar o ponto de vista humano sobre o espaço banal. Em poucas palavras, o lugar só existe com a reunião (e organização) de vários aspectos. Mas dada a efemeridade destas construções (memória coletiva, modismos da arquitetura e do urbanismo, a atual prevalência do individualismo no gosto etc.), a geografia física poderia ser o fator mais estável na definição da essência do lugar, o vetor de mediação de certas categorias construtivas. já sabemos que o espaço é constantemente modificado pela história. A questão estaria em se buscar manter os traços ditos naturais, o mais próximo possível de suas formas originais, numa perspectiva bastante preservacionista, de forma que uma montanha sempre fosse

percebida como tal, assim como a forma de um rio, a fauna ou até o clima - mesmo sabendo que suas configurações e significados mudam. Trata-se de resistir. A importância dos traços naturais se reforça, diante da constatação de que enquanto nas restaurações arquitetônicas pode-se até reconstruir o modelo original, na natureza isso ficaria muito mais difícil, senão impossível. É sua relativa irreversibilidade, diante de certos tipos de deformação.

Apesar de cada vez mais as construções coletivas não conseguirem fixar o lugar, não significa que sejam desconsideradas, apesar de muitas delas nem dizerem respeito a um lugar, mas a uma idéia. Elas serão sempre estimadas. Porém, numa atitude voluntarista do ponto de vista de políticas públicas, teriam de ser redirecionadas, incorporando, também, maior valorização da geografia física. Em outras palavras, significa que o vetor do meio natural poderá sugerir (sugerir, não determinar) novas séries, na cultura material - perspectiva esta que se casa muito bem com a preocupação contemporânea, universal, de preservação da biosfera. Um lugar construído ou reconstruído, sob perspectivas verdadeiramente ecológicas, aliado à criatividade, significará, aí sim, um novo paradigma. Ele se distinguirá dos demais, com maiores ou menores nuances, conforme a geografia física poderá sugerir. Daí a possibilidade de personalização.

Lugar seria também a geografia física, na extensão apropriada pelo homem. Perguntar-se onde estariam os limites fisiográficos de uma região seria tão difícil quanto estéril: não se pode buscar limites naturais abruptos porque a natureza do mundo não é assim - da mesma forma que não existem limites bem definidos no conjunto de ciências que se avizinham. Temos de nos habituar ao que ensina um prisma de cristal, ao revelar o fluxo da passagem de uma cor para outra, sob efeito da luz! O importante de se destacar é que no conjunto da biosfera podemos distinguir variações marcantes.

Entretanto, o mundo físico natural não pode ser entendido somente em suas grandes formas - um vulcão, uma floresta ou um rio. Segue-se então a apropriação da geografia física, em suas infinitas minudências, em que transitam vida, sons, texturas, cores etc.

Entretanto, as definições dos melhores acadêmicos, tendo em mira metodologias, resultam insuficientes para o entendimento do lugar, tal como literatos, poetas e pintores têm sido únicos a perceber. Eles chegam a sutilezas próprias da alma, da essência das coisas que passam despercebidas nos textos acadêmicos. Como já disse o físico John Barrow em seu livro *Teoria de tudo*, nenhuma explicação não-poética da realidade pode ser completa... É a cantilena de Gaston Bachelard em sua *Poética do espaço* (1993). Quando um cidadão vive seu lugar ou quando um viajante se detém para considerar aquilo que gostaria de levar consigo", aí então se capta uma essência. Carl Gustav Jung (p. 29 sqq) vai mais longe, consagrando um capítulo inteiro à relação mente-terra, lembrando as distinções chinesas de *alma-shen* e *alma-kwei*, reportando-se, respectivamente, ao céu e à terra. Toda alma teria sua terra. Mas como os ocidentais pouco sabem da mente, sugere que esta seja entendida antes, como um sistema de adaptação determinado pelas condições do meio ambiente terrestre. Eis por que me vi na necessidade de chegar mais perto de outros "lugares do lugar" - para não reduzi-lo. Um elenco que se perdido, aí sim, a globalização se consuma.

Vejo o lugar como um dos referenciais indispensáveis à vida, nas esferas do cotidiano, do trabalho, dos afetos e dos ideais, mas, desoladamente, com perdas indizíveis. A personalidade é composta de vários suportes. Nesse caso, estou pensando em algo que teria a ver com o mais amplo sentido da ecologia, isto é, as relações mútuas do meio e com o homem: a biosfera, a cultura material, a memória, as animações e as cognições. São áreas com múltiplas ramificações que tem de ser trabalhadas, numa

perspectiva de formar resistência às forças aplainadoras da globalização. Parece-me, entretanto, que carecemos de referenciais que não se volatilizem facilmente, constatação que me conduz aos dados naturais locais, como sendo os mais vigorosos, num mundo de mudanças aceleradas. Isto não só se prestaria à reconstrução dos lugares e suas identidades, como imprimiria um sentido mais conseqüente à urbanização. Certamente, uma opção não sem obstáculos a serem enfrentados.

Algumas características se evidenciam. Talvez fosse lícito retomar a geografia física-regional: o solo, o relevo, a hidrografia, o clima, a flora e a própria fatura: podemos imaginar o Pólo Sul sem pingüins ou o Saara sem camelos? E Santos sem o vento noroeste? E lugares do Rio Grande do Sul sem o Minuano? E o Mistral? E os lugares que são roteiro ou pouso de aves que migram? E os lugares de cabra montes, jacamins, tuiuiús e arapongas? O que são fazendas sem cheiros de cavalo e vaca? Sobre desertos, sabe-se que são um *continuum* sem sublugares, que não sejam oásis. Neles, ao contrário, experimenta-se o céu como parte do grande lugar - donde o provérbio árabe: "Quanto mais você entrar no deserto, mais perto de Deus chegará". Não sem razão, aliás, esta foi a receita que Jesus usou nos quarenta dias em que se retirou no deserto para orar. Cada enumeração pode ser objeto de rigorosas explorações, mas aqui quero destacar o sentido de quando o solo deixa de ser terra vermelho-escura, como a de Londrina, produto da decomposição de rochas efusivas basálticas, para converter-se no suplício dos colarinhos ou quando os alíseos deixam de ser meros ventos, para configurar-se como canto de casuarinas. Criticamos os consumismos de hoje, mas estamos perdendo a sensibilidade para as pequenas coisas de nosso cotidiano e só acordamos e reclamamos quando elas não mais existem.

Eis que o chão e seus adereços naturais se convertem em verdadeira vanguarda, com o nome, não muito apropriado, de "Ecologia". Deste ponto de vista, então, as associações dos elementos físicos acabam por se configurar em ecossistemas que são partes da personalidade do lugar. No ser humano, a personalidade não é um componente isento de mudanças; assim, também, o próprio espaço físico transforma constantemente suas paisagens junto com a história. No entanto, dada a força de sua substância - os movimentos do mar, os volumes montanhosos, a aridez dos desertos, as planícies ou a decisão de preservar florestas e relevos - os acidentes mais notáveis, não só se mantêm mais fiéis a seus passados estruturais, como, dada a orientação preservacionista do presente, tendem a ser reforçados. Sem se falar nas forças telúricas... Hoje temos ampla consciência de que tudo muda com velocidade. Mas quiçá certos atributos sejam os mais fixos referenciais, ainda que a roupagem mude: as presenças fortes ainda conseguem guardar sua personalidade, dependendo de como a história as tratou.

Podemos, assim, entender a própria luz como participante do lugar. Já não falava disso Van Gogh sobre a luz de Arles? E a aurora boreal dos pólos, que a mitologia esquimó diz ser a tocha dos espíritos conduzindo as almas para o céu?

E as miragens, possíveis tanto nos desertos como nos pólos? E o magnetismo? E o "astral" que nunca aparece num texto científico mas que todos sentem reconhecem, impregnado do meio e das gentes? A luz, mesmo sem ser a de Arles, modifica os lugares a cada estação e diuturnamente na escala de um dia. E onde as estações são normalmente mais diferenciadas, mudam-se rituais, ritmos, cores, costumes, aparências... Para construir uma civilização o homem tem de ser cúmplice e amigo da natureza, tem de pactuar com as benesses ou até com os revezes naturais.

As ordens naturais seriam então os primeiros referenciais, pontos de escanção na superfície da terra. Sem eles, não seria possível buscar uma poética do espaço tudo seria reduzido ao sistema científico e as intenções deste falar perderiam sua razão de ser. Mas até a luz o homem é capaz de alterar: a poluição pode transformá-la em roxo-hematoma... Uma pessoa pode andar na avenida Paulista e não sabe que está

em cima de um espigão. Foi-se o tempo em que São Paulo era da garoa. Mas certas paragens ainda mantêm suas neblinas como parte da identidade.

Conforme existam sotaques peculiares na língua falada ou ainda presença de culinária específica, a personalidade se tempera ainda mais. "Ora", me dirão "mas com a internacionalização do mundo, exporta-se, difunde-se o mesmo gosto em todas as partes..." Acho que não. Tomem uns goles da aguardente *uzo* numa ilha grega e o resto da mesma garrafa em lugares de outro continente num restaurante grego em Ribeirão Preto, por exemplo. Se você não perceber a diferença, dificilmente entenderá a essência do que digo. É aí *que o sujeito sintoniza a alma do lugar*. Eis por que certos traços contextuais da cultura são menos suscetíveis de serem globalizados, ainda que não sejam isentos. Outros atributos, como altitude, graus de limpeza, ordem e pacificidade; humor ou o que mais seja, somam-se na definição do lugar. Mais que o simples olhar, como enfatizam alguns autores, a amplitude do que se entende por alma permite, inclusive, uma experiência sensual bem maior,

Não menos relevante é a toponímia, e que pena, nomes que se apagam de Serra do Quebra-Bunda para Aclimação - versão paulistana do Jardin d'Acclimatation... No entanto, é preciso não se deixar trair pelos nomes, pois são modificados pelo tempo, marcando mutações de identidade. Nomes tupis merecem profunda revisão: os índios não davam tantos nomes quanto os portugueses, que dominavam correntemente a língua indígena durante os séculos XVI e XVII. Ao despertar para a vida citadina, os séculos XIX e XX procedem à abolição de nomes nativos, cheios da presença do lugar e enveredam louvando estranhos personagens, alguns até suspeitos.. Quem já foi a Portugal há de saber que os portugueses foram exímios batizadores de lugares, com ingênuos nomes cheios de significado, que não tiveram vergonha de conservar até hoje. Creio que a toponímia seja uma forma de captar o lugar, ainda que apenas por suas origens.

Em suma, atrevo-me a afirmar que muitas interpretações sobre globalização tornam-se reducionistas ao ignorarem aspectos da lírica espacial. Não é porque uma parte da população de um lugar usa computador que está tudo globalizado. Não se perde o sotaque carioca só por isto; ainda que a língua se acresça de anglicanismos da informática, do mercado, da moda. Perdendo-se de vista os atributos desta escala, perde-se a chance de entender que só a cultura particularizada e organizada pode criar mais uma frente contra os efeitos desinteressantes da globalização.

A evocação de uma poética do espaço significa uma atenção redobrada na reorganização do espaço. É assim que um aspecto trivial, como o roteiro de certas aves ou o valor afetivo de um bem comum, um adro por exemplo, podem ser arrasados pelo planejamento territorial. Várias cidades do interior do Brasil já mandaram cortar árvores de suas praças centrais por causa "do barulho" das andorinhas (que, perdendo este pouso, evadiram-se ou desnortearam-se, acabando por morrer). Em incontáveis casos abateram-se árvores frondosas para apagar a ideia de "mato" em cidades supostamente "prósperas", em detrimento da expressão espacial local. No Brasil, fatos dessa ordem formam um anedotário jamais catalogado. Desejo ainda lembrar algo mal colocado por alguns autores que desprezam a necessidade de se dispor de recursos naturais ou patrimoniais necessários ao turismo. De certo modo, isto já aconteceu algumas vezes: pode-se fabricar um lugar turístico com base no deserto, como foi Las Vegas. Entretanto, se mapearmos o conjunto dos lugares mais turísticos do mundo, veremos que há, inquestionavelmente, o dado patrimonial (geográfico ou cultural) agindo como grande detonador de movimento turístico, enquanto as periferias desavisadas terão de esperar pelas calendas gregas para terem seu lugar ao sol turístico. Considero a posição desses teóricos nociva em três sentidos: subestimando os bens naturais e patrimoniais, induzem a seu abandono ou descaracterização; negando seu valor intrínseco para o habitante do lugar, alienam

ainda mais a prática turística, como algo que não precisa disso; eliminando um dos principais fatores de concorrência de países periféricos, desarmam-nos ante a globalização.

Em suma, a afirmação da personalidade do lugar, composta do arranjo de múltiplas identidades humanas e do mundo natural, se justifica como significativos referenciais para a vida cotidiana; como meio de vida e de sentimento de pertença que permitem resistir a diversos aspectos da globalização. Obviamente, uma vez que este arranjo se der com uma boa dose de arte, será bom para o turismo também. Qualquer cidadão sabe que a sociedade brasileira está se organizando em vários níveis, o que já é sintoma claro da afirmação de personalidades. Sucede porém que, despreocupados com os reflexos no território, o que se tem como resultado é sua degradação galopante. O binômio homem-meio ainda não foi incorporado como uma das grandes dimensões da identidade. Num encontro sobre políticas culturais, realizado no México em 1982, a Unesco afirmava que:

Cada cultura representa um corpo único e insubstituível de valores, posto que as tradições e formas de expressão de cada povo se constituem em sua maneira mais efetiva de demonstrar sua presença no mundo. Por isso a afirmação da própria identidade contribui para a liberação do povos. Mas, ao contrário, qualquer forma de dominação constitui uma negação ou impedimento de alcançar tal identidade.

Pode-se então raciocinar que reconhecer a personalidade (isto é, composta de múltiplas identidades) como indicador do planejamento representa uma forma mais refinada de democracia, na medida em que reconhece o direito a formas diferentes de ser, mesmo que algumas normas possam ser generalizadas para todos, justamente em vista da melhor sobrevivência de todo o grupo. É óbvio que a identidade tem de incluir a reconstrução sobre bases progressistas, isto é, a conquista da cidadania e não o congelamento de "formas típicas" por culto ao folclore.

Após esta exploração preliminar, sou levado a reconhecer que a personalidade do lugar se apóia num amplo conjunto de identidades - história; costumes; arquitetura; urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio e a região; pertença; formas lingüísticas; mitos; fantasmas e aparições da santa; esconderijos; sons específicos; astral; segredos e todos diferenciais próprios do meio ambiente (relevo, hidrografia, fauna, flora, clima, luminosidade etc.). Ainda que dois lugares possam ter os mesmos ingredientes, a disposição de suas formas pela comunidade produz algo necessariamente diferente. É quando a ordem dos fatores altera o produto. Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar. Quem já navegou por muitas plagas percebeu muito disto... O próprio planejamento, ao ignorar ou não querer reconhecer essas dimensões todas (naquilo que é seu campo), torna-se cúmplice da estepização dos lugares, isto é, da mesmice que vaga pelo território sem cara nem alma. Ou como Frankenstein, feito de pedaços. Esbarrando na questão das representações, não se pode ignorar o sentido dos lugares sagrados, encontrados em todas as civilizações de todos tempos e lugares (hoje também profanamente reinterpretados como "santuários" naturais dos ecologistas). Muitos dos atuais templos religiosos foram edificadas em antigos sítios naturais e sagrados. Para várias crenças, os lugares sagrados funcionam como porta para a experiência transcendental. "Ao atravessar as fronteiras, as pessoas podem compartilhar da energia do lugar e manter comunhão com a sacralidade" (Sheldrake, 1997: 179). A geomancia, técnica que significa adivinhação pela terra, encontra no *feng shui* chinês, os sentidos do alinhamento dos homens com os lugares, em busca de melhor harmonia, sinalizando para a orientação arquitetônica ou de colocação de móveis...

Onde então buscar a fonte de inspiração mais segura? Reinventando o chamado estilo

colonial, que representa nosso mais marcante passado? Ou será isso nova forma de fantasia que tanto se critica? Se o passado escolheu seu padrão, por que não podemos afirmar o nosso presente, a partir de criatividade baseada numa diretriz que não engana: a preservação da paisagem natural (que jamais seria brasileira e russa ao mesmo tempo ...)? A partir dessa premissa, como decorrência, haveria a possibilidade de criação de padrões de arquitetura e urbanismo, coerentes com o meio e a valorização do aparentemente pequeno, por meio de seu refinamento. Trata-se de uma nova busca formal. pois não há existência sem forma. Forma fatalmente ligada à sua função, porém mexível, senão a criação não seria possível. Forma à qual seria lícito - se assim convier socialmente - modificar inclusive o significado de alguns conteúdos. Nem o conforto da moderna tecnologia fica excluído. Não por isso. (<http://www.cefetsp.br/edu/eso/lourdes/ampliandoconceito.html>)

Levamos em conta que o espaço desempenha funções decisivas na estruturação de uma totalidade. Lefévre (1976) considera, ainda, que o espaço não é nem um ponto de partida (espaço absoluto) nem um ponto de chegada (espaço como produto social), mas entende o espaço como mediador. O espaço, nessa perspectiva, é o lugar da reprodução das relações sociais de produção e da reprodução da sociedade. O texto e as referências bibliográficas analisadas buscam uma concepção de espaço a partir de uma avaliação contrária àqueles que não consideram o espaço como produção social. Dessa forma, acaba por nos permitir trabalhar tendo como objeto da geografia o espaço geográfico na dimensão do lugar (espaço vivido).

As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde como o de lugar. 'Espaço' é mais abstrato do que 'lugar'. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor. (Tuan, 1983, p. 6).(http://www.agbniteroi.org.br/Revista2/rfg2_texto2.htm)

Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida apropriada através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade latu sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade - vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. Motoristas de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro. É evidente que é possível encontrar isso na metrópole, no nível do bairro, que é o plano do vivido, mas definitivamente não é o que caracteriza a metrópole. Por outro lado a metrópole não é "lugar", ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas - as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante identidade, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso.

Trata-se de um espaço palpável - a extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos. Nada também de espaços infinitos. São a rua, a praça, o bairro - espaços do vivido, apropriados através do corpo - espaços públicos, divididos

entre zonas de veículos e calçada de pedestres, dizem respeito ao passo e a um ritmo que é humano e que pode fugir ao do tempo da técnica (ou que pode revelá-la em sua amplitude). É também o espaço da casa e dos circuitos de compras, dos passeios, etc. (Ana Fani Alessandri Carlos: O lugar no/ao mundo)

Embora os lugares sejam percebidos na esfera do cotidiano, as relações que se estabelecem em seu interior são cada vez mais influenciadas por ocorrências dos mais variados pontos do planeta. Assim, partindo do lugar, podemos ampliar a escala para analisar a organização do espaço da cidade, da região, do estado, do território nacional, e mesmo mundial, selecionando as ações humanas que quisermos estudar.

(<http://www.portalimpacto.com.br/docs/01Franco1ANO Aula02RelacaoSociedadexNatureza2.pdf>)

As cidades da virada do milênio caracterizam-se pela crescente oferta de lugares apresentados sob as mais diversas configurações: *shopping malls*, cenários históricos reurbanizados, parques temáticos, complexos híbridos, cinemas multiplex, museus - *lugares* que copiam qualidades encontradas em outros lugares, ou que criam o que se acredita atribuir qualidade a um espaço urbano. É bastante freqüente encontrar críticos do mundo cultural censurando essas manifestações da sociedade contemporânea, alegando que os lugares criados são inautênticos e artificiais. A realidade teima em apresentar uma apreciação diferente por parte da população, que prestigia prazerosamente tais lugares. Isto leva a um segundo olhar sobre esses *lugares*, de modo a encurtar a distância que, apressadamente, separa o lugar acreditado como "autêntico", do lugar desmerecido como "inventado".

(Prof. Dr. Lineu Castello, em: <http://www.ufrgs.br/propar/disciplinas/arq00035.htm>)

"Me dê uma definição, me dando uma definição vc me dá um lugar, sem definição não sei onde estou, não sei com quem vou, não sei onde posso entrar. Me dê um nome em sua vida, me dando um nome terei um lugar, e assim poderei dizer se gosto dele ou não. Me deixe definir então, deixe eu ser virtual, deixe eu ser um lugar, deixe eu ser alguém pra participar da sua vida. Me deixe limitar por um tempo os lugares por onde circularéi com você, para que possamos ter lugares e coisas para lembrar juntos, para que possamos ter um lugar para voltar. Para que este momento deixe de ser um breve momento e se torne um marco em nossas vidas, como todas as boas coisas da vida são e você merece ser." (Oscar Wilde: Retrato de Dorian Gray)

"E assim seguiam de um ponto a um ponto, por brancas estradas calcáreas, como por uma linha vã, uma linha geodésica. Mais ou menos como a gente vive. Lugares." (J.G.Rosa: O Recado do Morro)